

Eleição Presidencial

RUY FABIANO 28 ABR 1998

E-mail: ruy@cdata.com.br

CORREIO BRAZILIENSE

Ciro favorecido

Ciro Gomes, candidato do minúsculo PPS à Presidência da República, pode ser o grande beneficiário do rompimento entre PT e PDT. Sem perspectiva de alianças, a candidatura de Lula, que já não inspirava entusiasmos, perde ainda mais substância. Está à deriva.

Brizola, por sua vez, não parece animado a embarcar em mais uma aventura eleitoral, lançando-se ele mesmo candidato à Presidência pelo PDT. Na eleição passada perdeu para Enéas, do Prona, ficando à frente apenas de Orestes Quércia. Nesta, não teria melhor resultado.

Brizola não lamenta tanto o rompimento em nível nacional. Claro estava que se sentia imensamente desconfortável na posição de vice de Lula, até porque sabia que as chances dessa dobradinha funcionar eleitoralmente eram remotíssimas. Sua chateação maior foi pela perda do governo do Estado do Rio. Separados, PT e PDT não têm chance de vencer a candidatura reeleitiva do governador Marcelo Alencar, do PSDB.

Juntos seriam imbatíveis. Em nenhum momento, porém, Brizola acreditou na hipótese de união. Diversas vezes avisou que a aliança se transformara na crônica do desastre anunciado, com declarações provocativas por parte das lideranças fluminenses do PT.

A história das relações de PT e PDT no Estado do Rio é um longo rosário de desavenças e miopia política, acompanhado com interesse pelas forças políticas conservadoras. No passado, elas celebravam os desentendimentos entre Lula e Brizola. Hoje, lamentam.

Basta ver que Fernando Henrique não deu sinais de entusiasmo com o resultado. E Fernando Collor, que está batendo às portas dos tribunais em busca de viabilizar sua candidatura presidencial, mostrou-se preocupado. Ele dava entrevista ao vivo a uma emissora de televisão, no domingo, quando foi avisado, no ar, do resultado da convenção petista. Franziu o cenho e criticou a "desinteligência" entre os dois partidos como algo que lhe dissesse respeito.

De fato, na hipótese de vir a se candidatar (o que parece, neste momento, improvável), diz. Ele, como Fernando Henrique, sonha com uma eleição polarizada com Lula, nome que acreditam estigmatizado e sem chances de estabelecer alianças eficazes em qualquer turno.

E aí está o problema: o enfraquecimento da candidatura Lula — pior: sua falta de horizontes — impulsiona as forças oposicionistas em direção a outro nome, mais propenso a alianças. Até aqui, esse nome é o de **Ciro Gomes**, já que simplesmente não há outro.

Ainda que o PT troque Lula por Tarso Genro, é improvável que venha a aglutinar apoios fora do partido, já que a resistência a alianças é interna. A menos que o PMDB (o que não está na rota de previsões) decida mudar o resultado da convenção passada e lançar na convenção de junho candidato próprio à Presidência, o nome disponível para eventual aliança é o de **Ciro Gomes**.

Fernando Henrique com certeza preferia o quadro anterior.